
PASSADO(S) E PRESENTE(S): A EDUCAÇÃO INDÍGENA COMO BANDEIRA DE LUTA NA AMÉRICA LATINA

CELSO GESTERMEIER DO NASCIMENTO

Universidade Federal de Campina Grande

celsogest@ig.com.br

Introdução

Para um observador mais atento dos acontecimentos políticos que têm marcado a América Latina no novo século não é de se estranhar a resistência nativa que se instaurou no continente concomitante ao processo de conquista e, desde então, vem sendo notada por mais de 500 anos, manifestando-se em várias facetas diferentes.

Os acontecimentos de 1992, que deveriam marcar as “comemorações” pela descoberta do continente vieram, na verdade, trazer à tona as insatisfações das comunidades indígenas com o genocídio perpetrado por Colombo e outros conquistadores. Em vários países americanos foram vistas manifestações e enfrentamentos de grupos indígenas com os exércitos nacionais, reprisando um cenário visto desde o período colonial. No entanto, tais ações não pararam por aí, e a década de 1990 marcou também o surgimento de novas organizações de lutas pelos direitos indígenas.

Digno de menção é o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional que, desde 1994, vem combatendo o exército mexicano no paupérrimo estado de Chiapas: conhecida como uma guerrilha informacional – uma netwar – os neozapatistas chamaram a atenção do mundo ao enfrentar o exército e, posteriormente, se recolher à Selva Lacandona, onde se encontram até hoje. Seus métodos de ação são diferentes e inovadores: o uso da internet como forma de fazer chegar seus comunicados para todo o mundo, pedindo solidariedade e pressões contra o governo em prol de uma negociação marcaram uma nova era para os movimentos sociais de natureza étnica –

indígena – na América Latina. Outras ações merecem também destaque: organizações de eventos internacionais contra o neoliberalismo, participação no Fórum Social Mundial, realização de marchas desde as comunidades mais afastadas até a cidade do México para amparar negociações – o zapatatour – elaboração de plebiscitos junto a comunidades para decidir os rumos do movimento, etc.

Outro fato importante na esteira desses movimentos é a eleição do presidente boliviano Evo Morales em dezembro de 2005: primeiro representante da etnia aymara a chegar ao poder num país em torno de 65% de indígenas em sua população. Além disso, sendo Evo um líder “cocalero” que já havia sido expulso do Congresso Nacional por criticar os políticos bolivianos, atraiu a atenção mundial por colocar na ordem do dia as questões inerentes às necessidades indígenas e encontrar em organizações de trabalhadores e outras, de caráter étnico apoio a seu projeto de criação de uma nova constituição para o país, na qual muitas reivindicações nativas foram atendidas.

Portanto, nesse novo cenário de transição do século XX ao século XXI novos movimentos sociais de caráter étnico estão se tornando cada vez mais importantes. Neste trabalho pretendemos tentando levantar algumas questões acerca da importância da educação indígena em língua nativa enquanto bandeira de reivindicações desses movimentos.

Através da internet, que hoje aparece como um rico recurso para estudos dos grupos indígenas, gostaríamos de apontar três momentos importantes nessa luta pela educação indígena, a saber: A Escola-Ayllu Warisata, experimento boliviano de inícios do século XX, a Universidade Amawtay Wasi fundada no Equador em 2001 e a Universidade Indígena Tupaj Katari, criada na Bolívia em 2008. Acreditamos que algumas reflexões acerca desse processo histórico de valorização da educação nativa e de métodos modernos de educação – inclusive com o uso do ciberespaço – poderão nos ajudar a ver melhor a riqueza da organização desses movimentos.

1- A ESCOLA WARISATA

Também conhecida na história boliviana como “Escola-ayllu”, foi fundada no começo da década de 1930 e funcionou até inícios de 1940, com a finalidade de enfrentar muitos fazendeiros que proibiam a educação letrada de seus trabalhadores indígenas. Criada na região de Warisata, no altiplano boliviano, por um funcionário do Ministério da Educação, Elizardo Pérez, ela serviu de modelo para outras escolas e tornou Pérez uma figura vista com muito carinho nos sites aymaras que visitamos. Vejamos suas principais características:

A escola significava uma fusão de recursos – verbas federais, doações particulares e dos próprios comunitários – o que, portanto, pressupunha uma estreita colaboração entre os seus criadores, cristalizado na amizade do já citado Elizardo Pérez com o amauta – sábio aymara – Avelino Siñani para sua construção. Também nessa direção vemos a parceria entre educadores, alunos e as autoridades camponesas, no chamado Parlamento Aymara que dirigia a escola.

O objetivo central da escola era ajudar a sanar as necessidades das comunidades próximas a ela, o que constitui até hoje uma opção das escolas indígenas, que sejam construídas longe das cidades, ficando próximas à jurisdição das comunidades. Dessa forma, também não se verificava a separação entre atividades intelectuais e manuais pois, conforme a visão indígena, a educação dar-se-ia unindo a aula, a oficina e as tarefas integradas.

No que se refere a essas tarefas integradas, era aí que se via a influência da comunidade, pois os alunos aprendiam a semear e cuidar da terra, conhecer os métodos ancestrais de cultivo, experimentar outros métodos novos e exercitar o trabalho coletivo – ayni – típico das sociedades andinas. Tratava-se não somente de uma escolar rural, mas uma “escola de libertação”:

El sacro deber del maestro rural debe ser arrancar de su cabeza a esa "mala hierba" de peregrinas culturas espurias, y volver al indio, que es una maravillosa cultura comunitaria socialista milenaria.

La escuela rural en vez de practicar la "Pedagogía del Oprimido" de Paulo Freire, hace uso de la pedagogía del opresor. En vez de ser la pedagogía una "práctica de la libertad", al indio se le suministra una "educación" para la práctica de la esclavitud. La escuela rural le inculca al indio los "mitos de los blancos"; y en vez de hacer del indio el sujeto de su historia, le hace el objeto de la historia de los expósitos europeos. (Disponível em <http://www.willka.net/Universidad%20Tupac%20Katari.htm>. Acesso 14 jun 2007)

Um curso completo em Warisata começava aos quatro anos de idade e iria até os dezessete, dividido em seções: Jardim Infantil, Pré-vocacional, Vocacional e Normal. A idéia básica era fornecer ao aluno, num sistema tanto de internato quanto de externato, um aprendizado bem amplo, tanto em disciplinas formais ao estilo ocidental quanto às práticas agrárias e culturais nativas, além de tarefas complementares, como os "Seminários Integrais de Cultura", onde eram exibidos filmes, danças, leituras coletivas quanto os "Domingos del Campesinato", com uma pauta de atividades de cultura e lazer que visava atrair os campesinos a conhecer a própria escola. Portanto, a base do pensamento de Warisata era o auxílio à coletividade, pois ela estaria integrada à coletividade que, além de fornecer-lhes muitos alunos, ajudava em sua gestão e era ajudada pelo conhecimento produzido nela. Ou seja, nela estavam em ação os princípios de solidariedade e reciprocidade que marcam o mundo andino. No entanto, essa escola fechou suas portas em 1940 por pressões de fazendeiros e mudanças no Ministério da Educação, mas até hoje é exibida como modelo educacional nos sites dos grupos aymara.

2- A UNIVERSIDAD INTERCULTURAL DE LAS NACIONALIDADES Y PUEBLOS INDÍGENAS, AMAWTAY WASI

No Equador, tal universidade era uma antiga reivindicação da CONAIE – Confederação das Nacionalidades Indígenas da Equador – e do ICCI - Instituto Científico de Culturas Indígenas - junto à campanha pela institucionalização da educação bi-lingue, vitoriosa em 1988. A universidade foi formalmente criada em 22 de

agosto de 2001, começando a funcionar em 2004, compreendendo os seguintes programas:

1- Formação Comunitária: não exige titulação prévia e se divide em Formação Básica, na modalidade semipresencial, durando 1,5 anos e Formação Superior, que exige como pré-requisito a Educação Básica, durando também 1,5 anos, e encerrando com defesa de monografia e emitindo diploma, na modalidade semipresencial.

2- Graduação: este programa se divide em três ciclos:

a. Ciências Indígenas: dura dois anos, o primeiro sendo comum a todas as faculdades como orientação a especialidade que o aluno poderá seguir e o segundo ano com disciplinas específicas para cada curso. Este ciclo também exige a proficiência de nível quatro de uma língua indígena.

b. Ciclo de Ciências Universais: estudo de dois anos das “Culturas Universais” quando o aluno tem acesso ao pensamento de autores clássicos e é obrigado a obter proficiência também em quatro níveis em uma língua estrangeira.

c. Ciclo de Interculturalidade Científica: um ano de duração, busca a reflexão e estudo das ciências vistas nos quatro primeiros anos para que o aluno produza conhecimento com base nelas.

3- Pós-Graduação: também dividido em dois ciclos:

a. KALLARI AMAWTAY: compreende dois anos de estudos, destinados a alunos com algum dos títulos de Graduação apontados anteriormente num projeto de especialização e exige oito níveis de proficiência de uma língua indígena. Equivale ao título de mestre.

b. SUMAK AMAWTAY: exige a elaboração de um trabalho original que envolva investigação científica de culturas indígenas – valendo-se da ciência indígena com rigores científicos - e exige proficiência de oito anos

em língua indígena e mais oito em língua estrangeira, outorgando o título de Doutor ou Amauta.

A Universidade prevê ainda quatro modalidades:

Existen cuatro modalidades: ritmo libre, presencial, semipresencial y modalidad mixta (presencial y semipresencial). En la modalidad de ritmo libre el estudiante se matricula en cualquier momento y rinde sus evaluaciones y presente sus trabajos cuando desee. En la modalidad presencial se trabajará por cursos, seminarios, talleres y pasantías y no por el sistema asignaturista. En la modalidad semipresencial el estudiante asistirá a tres seminarios de carrera. La modalidad mixta comprende la metodología de la modalidad semipresencial y presencial. (Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2003/02/12.shtml>. Acesso 23 out 2008)

O interessante é que como o básico do projeto educacional são as ciências indígenas, isso obriga a um trabalho da universidade em coletar tal conhecimento para começar a funcionar, através de coleta de informações disponíveis, em livros, vídeos, coleções de entrevistas, áudio, CDs, assim como o recurso da memória oral. Ou seja, a base educacional é a re-construção da memória e da ciência indígenas. Também fica clara a necessidade do uso de tecnologia no ensino, eles apontam para o uso de computador, rádio, TV a cabo, biblioteca virtual etc, em conformidade com a tese da união entre o saber indígena e o saber de outras culturas, a idéia da interculturalidade. Essa tese também aparece na seleção dos acadêmicos, divididos entre sábios indígenas, docentes e investigadores.

Para a efetivação dos estudos, a universidade se estruturaria em torno de Centros de Saber: Político, Cultural, Rural e Tecnológico, que devem trabalhar em sintonia, fornecendo conhecimentos a todos os alunos, buscando-se uma educação integral e interdisciplinar.

Destacamos a preocupação com a interculturalidade, a convivência entre os saberes de diversas nacionalidades, a preocupação de formar técnicos, tecnólogos e profissionais. Os cursos efetivamente implantados no momento são: Agroecologia, Licenciatura em Ciências da Educação, com ênfase em Pedagogia Intercultural e

Arquitetura, Arquitetura Ancestral. Vamos refletir um pouco sobre esse último, a título de exemplo:

O curso é composto por dez níveis: se o aluno cumprir os quatro primeiros recebe o diploma de Técnico em Construção, estando apto a produzir materiais e objetos para uso das comunidades, desenvolver projetos de baixa complexidade no campo da arquitetura para comunidades, ONGs e entidades estatais. Tudo isso usando métodos ancestrais de construção.

Já o tecnólogo é aquele que cursa seis anos de universidade, tornando-se assistente de um “Arquiteto Planificador” – como eles o chamam - em projetos alternativos de construção, desenvolvendo também projetos de mediana complexidade e serviços de planejamento e desenho para empresas de arquitetura.

O Arquiteto Planificador é o profissional que cumpre todos os dez anos de estudos, podendo desempenhar as seguintes atividades:

Genera empresas productivas agroecológicas para sí mismo y para otros.
Consultor y Asesor técnico: de las nacionalidades y pueblos, de instituciones públicas y privadas, de ONGs, en campos de la Agroecología y manejo ambiental a nivel local, nacional e internacional.
Promueve, diseña y ejecuta programas de desarrollo local en los campos de la Agroecología y el ambiente para gobiernos municipales y provinciales;
Ejecuta las políticas de desarrollo sostenible para nacionalidades y pueblos y entidades estatales;
Asesora en el manejo, conservación y recuperación de suelo, plagas, en comunidades y predios públicos y privados;
Diseña, planifica, ejecuta y hace seguimiento de proyectos y programas de investigación y emprendimientos de alta complejidad en el campo de la Agroecología para Ongs, comunidades y entidades estatales. (Disponível em <http://www.amawtaywasi.edu.ec/> . Acesso 16 mar 2009)

Dessa forma, o aluno segue em uma carreira – Arquitetura – podendo escolher o nível ao qual se dedicar, cumprindo quatro, seis ou dez anos, dentro da mesma universidade, associando o conhecimento ancestral indígena a outros o que torna o curso integral em termos de visão de mundo.

3) UMA NOVA UNIVERSIDADE: A UNIVERSIDADE INDÍGENA TUPAJ KATARI

Em agosto de 2008, Evo Morales assinou um decreto, no povoado de Warisata, criando três universidades indígenas, uma para cada etnia das três preponderantes na Bolívia: aymara, quéchua e guarani, agrupadas sob a Universidad Indígena de Bolivia (UNIBOL). Serão os seguintes cursos administrados em cada uma delas:

Universidad Indígena Tupaj Katari (em Warisata) = agronomia altiplânica, indústria de alimentos, indústria têxtil, veterinária e zootecnia.

Universidad Indígena “Casimiro Uanca” (em Chimoré – Cochabamba) = agronomia tropical, indústria de alimentos, florestal, piscicultura.

Universidad Indígena “Apiaguaiki Tupa” (em Kuruyuki – Chuquisaca) = hidrocarbonetos, florestal, piscicultura, veterinária e zootecnia.

De acordo com a ministra da Educação de Cultura, Magdalena Cajias, todos os cursos terão disciplinas de Economia, História, Ciências Sociais e Meio Ambiente, sendo que o aprendizado ocorrerá na língua nativa e será exigido também conhecimento de castelhano e outra língua estrangeira. O objetivo central será “reconstruir as identidades indígenas”, a partir de uma postura intracultural, intercultural e descolonizadora.

A Universidade Indígena Tupaj Katari é fruto de uma luta antiga, se ela é oficialmente criada em 2008 no governo de Morales, já encontrávamos referências anteriores a ela em alguns sites. Em www.willka.net, num artigo datado de fevereiro de 2003 - <http://www.willka.net/Universidad%20Tupac%20Katari.htm> - podemos observar os seus “princípios ideológicos fundamentais”, sobre os quais vale uma reflexão, lembrando que os elementos principais desses princípios são os mesmos da Escola-Ayllu Warisata, ou seja, recuperar a cultura indígena e, com base numa educação solidária, torná-la politizada para o esforço de construir uma nação em igualdade com o branco.

Por isso a universidade não pode estar isolada da sociedade:

Si la Universidad tiene una ideología, un programa y objetivos propios en torno a los cuales cohesiona al universitario Intígena con su comunidad, es muy difícil que el estudiante se aliene o copie otras identidades con las cuales necesariamente debe entrar en contacto, pues la clave del éxito no es aislarse temiendo perder identidad, al contrario, el universitario adquiere seguridad en sí mismo debido a la valoración de su cultura y organización. (Disponível em <http://www.willka.net/Universidad%20Tupac%20Katari.htm> . Acesso 14 jun 2007)

A idéia é a da afirmação de valores comunitários para daí partir para a relação com a cidade, a nação e outras nações estrangeiras, sucessivamente. Trata-se de ajudar a integrar e organizar o trabalho comunitário incentivando a reciprocidade, ou seja, a universidade necessita fornecer ajuda às comunidades tanto na produção de saberes científicos quanto no trabalho prático em forma de ajuda mútua (ayni). O sistema de reciprocidade também funciona entre o aluno e a universidade, pois ela sustenta o estudo integral, alimentação, livros etc e, em troca o trabalho do aluno deverá se voltar para o bem da comunidade, sem ser uma carga para ela, mas um investimento para o futuro. O objetivo é melhorar a produtividade das comunidades, e estabelecer o “preço justo” para os alimentos produzidos para a comunidade.

Muitos princípios de Warisata devem ser aplicados na universidade. Em termos de organização administrativa o site – WWW.willka.net - apresenta a defesa do Parlamento Amauta usado em Warisata, que ainda existia na década de 1960 produzindo, inclusive, um livro das memórias da escola, por Elizardo Pérez. Portanto, a proposta é que o Conselho Universitário esteja composto por delegados de subcentrais agrárias – geralmente os “mallkus” – direção, pais de alunos, docentes, estudantes, funcionários e pelo Comité da Universidad Intígena da CSUTCB – Confederação Sindical Única dos Trabalhadores Camponeses da Bolívia.

Os próprios cursos universitários serão discutidos em comunidade, em função daquilo que cada região necessita, com a valorização de seus próprios saberes e, dessa forma, eles propõem os seguintes cursos:

Según lo expuesto es posible aconsejar las carreras de Agronomía, Agropecuaria, Turismo, Geología, Medicina Natural, Comunicación, Administración de Empresas, Economía, Lingüística, Comercio Exterior, Idiomas tanto Originarios como Extranjeros, Veterinaria, Ecología, Astronomía, Arquitectura, Artesanías, Artes Nativas, Técnicas de Producción Andinas, Politología Andina, Ingeniería de Alimentos, etc. En resumen se pueden dar todo tipo de carreras que sean adecuadas para la región y desarrollen necesariamente una o varias industrias. (Disponível em <http://www.willka.net/Universidad%20Tupac%20Katari.htm> . Acesso 14 jun 2007)

A universidade repousa sobre os cinco princípios ideológicos: libertação, organização, integração, produtividade e revalorização Cultural.

Portanto, podemos verificar que os novos movimentos sociais indígenas na América Latina estão conseguindo “politizar” a discussão educacional, abrindo espaço – a duras penas – para que a defesa de uma educação bi-lingue esteja aliada a um processo de re-construção de uma identidade, num projeto de “Revolução Índia” – como eles o chamam – que abarca todos os setores da sociedade, não apenas na mira de uma ascensão ao poder político – como no caso boliviano – mas na re-construção de um projeto de sociedade que invade a própria universidade, como no caso equatoriano. É importante notar que tal perspectiva não se resume aos países aqui vistos, mas tem sido uma bandeira de luta para comunidades indígenas de todo o continente, inclusive o Brasil.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Norma. **Qué quieren los indígenas?** Disponível em <http://www.katari.org/archives/indigenas>. Acesso 24.dez.2008.

ALBÓ, Xavier. **Raíces de América:** El mundo Aymara. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

ANTELO, Omar Quiroga. **Bolivia: gobierno para pocos.** Publicado em 23 dez 2007. Disponível em <http://www.katari.org/archives/bolivia-gobierno-para-pocos>. Acesso 24 dez 2008

BURGOA, Raúl. **Morales, antes de assumir a presidência é investido em ritual indígena.** Uol Notícias, 21 jan 2006. Disponível em

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/01/21/ult34u145784.jhtm>. Acesso 21 jan 2006.

EDITORIAL. Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas "Amawtay Wasi", UIAW. Disponível em http://www.amawtaywasi.edu.ec/web/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=56&lang=es. Acesso em 11.out.2010.

MEJÍA Yvette. Las Cinco Primeras Piedras Fundacionales Para Construir Los Cimientos Del Ayllu Universitario. Disponível em <http://www.willka.net/Universidad%20Tupac%20Katari.htm>. Acesso 11.out.2010.

VELASCO, Adolfo. **La escuela indigenal de Warisata, Bolívia, vista por maestros Mexicanos** (1940). Disponível em http://www.crefal.edu.mx/bibliotecadigital/CEDEAL/acervo_digital/coleccion_crefal/rieda/a1993_1/adolfo_velasco.pdf. Acesso 13 mar 2009.

VERA, Yvette Mejía. **Warisata: el modelo de ayllu**. Disponível em http://www.willka.net/libros_archivos/Modelo%20de%20AYLLU.pdf . Acesso 14 mar 2009.

WASI, Icci Amautay. Educacion Superior En El Mundo Indigena. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2003/02/12.shtml>. Acesso 11.out.2010.